

MÉTODO DE PROJETO X PROJETO DE TRABALHO: ENTRE NOVAS E VELHAS IDÉIAS

*Irani Rodrigues Menezes**

*Antonio Roberto Seixas da Cruz***

RESUMO — *No texto intitulado “Método de Projeto x Projeto de Trabalho: entre novas e velhas idéias” buscamos resgatar aspectos significativos de duas importantes propostas pedagógicas surgidas em contextos históricos diferentes: o Método de Projetos desenvolvido por W. H. Kilpatrick no começo do século XX nos Estados Unidos, fundamentado nas idéias de Jonh Dewey e o Projeto de Trabalho, modelo de ensino e de aprendizagem que surgiu na atualidade, sendo desenvolvido por Fernando Hernandez na Espanha sob a ótica da abordagem construtivista. Assim, o nosso propósito é verificar o que há de comum entre o Método de Projeto e o Projeto de Trabalho, a partir de reflexões sobre alguns conceitos e características que envolvem estas duas práticas pedagógicas, considerando o contexto em que foram aplicadas. Trata-se de um estudo bibliográfico cujas conclusões apontam evidências entre ambas as propostas como por exemplo: a definição de Projeto como uma prática educativa em que o pensamento tem a sua origem numa situação problemática; a educação vista como uma reconstrução da experiência, a criança considerada como sujeito na construção do conhecimento e os conteúdos e as atividades escolares organizados de forma interdisciplinar.*

PALAVRAS-CHAVE: *Método de Projeto. Projeto de Trabalho. Escola Nova.*

*Prof. Adjunto (DEDU/UEFS). E-mail: iraninemenezes1@uol.com.br

** Prof. Assistente (DEDU/UEFS) e da Faculdade Santíssimo Sacramento; E-mail: roberto.seixascruz@gmail.com

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: edu@uefs.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir aspectos significativos das propostas pedagógicas denominadas Método de Projeto e Projeto de Trabalho, buscando evidências de aproximação entre novas e velhas idéias. O primeiro, Método de Projeto, foi criado em fins do século XIX e início do século XX com vistas a mudar os rumos da educação tradicional, a fim de responder aos reclamos da sociedade daquela época, perante um mundo que passava por profundas transformações – a industrialização e a democracia. Transformações estas que apontavam para uma nova atitude diante da vida. O segundo, Projeto de Trabalho, surge nas últimas décadas, frente às mudanças da sociedade atual rumo ao processo de globalização, exigindo novas formas de se pensar a educação e de vivenciar diferentes práticas docentes.

São, portanto, nestas últimas décadas que têm chegado de outros países ao seio da educação brasileira experiências de trabalho resultantes de investigações cujo eixo se coloca ora nos currículos escolares a exemplo de Cezar Coll (1996), um dos principais responsáveis pela proposição e implementação da reforma curricular na Espanha, ora na didática da língua escrita a exemplo de Delia Lerner (1995), Ana Maria Kauffman (1984) na Argentina, ora nos Projetos de Trabalho a exemplo de Josette Jolibert (1994) na França que desenvolveu propostas pedagógicas inovadoras denominadas Pedagogia de Projeto e Fernando Hernandez (1998) que desenvolveu uma experiência em escolas de ensino fundamental em Barcelona denominada Projetos de Trabalho. Os resultados dessas pesquisas já se transformaram em práticas docentes de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Em escolas brasileiras, podemos citar a experiência com Projetos de Trabalho, na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (1995) desenvolvida com o objetivo de re-significar a experiência escolar. No momento atual, essa prática pedagógica está sendo difundida, como inovadora, em escolas públicas e particulares de forma bastante rápida. Contudo, em o nosso entender, há alguns aspectos que são semelhantes entre o Método de Projeto e o Projeto de Trabalho. São as

“velhas” e as “novas” idéias se encontrando em quase um século depois.

É, portanto, sobre as duas propostas de Projeto acima referidas que trataremos neste texto com a pretensão de buscar respostas, a partir de um estudo bibliográfico, para a questão: o que há de comum entre Método de Projeto criado no contexto da Escola Nova nos últimos anos do século XIX e começo do século XX e Projeto de Trabalho, criado por Fernando Hernandez nas últimas décadas do século XX

Num primeiro momento, abordaremos o tema, discorrendo sobre o Método de Projeto, ressaltando as idéias de John Dewey, por embasarem a sua criação. Num segundo momento discorreremos sobre o Projeto de Trabalho na atualidade para, em seguida, estabelecer relações entre essas duas idéias tão importantes para a prática educativa em épocas diferentes.

JONH DEWEY E A ESCOLA NOVA: BREVE REFERÊNCIA

As experiências educacionais que hoje se realizam por meio da pedagogia de projetos não se configuram como um trabalho totalmente inovador. O Projeto tem suas raízes no movimento da Escola Nova, também chamada de Escola Ativa a qual surgiu no fim do século XIX e início do século XX, dentro de um contexto de mudanças que se processava na vida moderna. Essas mudanças apontavam para a industrialização, para a democracia e para uma nova atitude diante da vida que, segundo Kilpatrick (1969 p.20), “nasciam sob a influência do pensamento baseado na experimentação, ou de modo geral no desenvolvimento da ciência e de suas aplicações à atividade humana”. Para ele, esses fatores distinguiam o mundo moderno de qualquer período histórico precedente e apelava à educação para satisfazer suas exigências.

Nesse contexto, a educação era considerada pelos ativistas como tradicional: livresca, intelectualizada, mnemônica; o sistema educativo era visto como inerte e o uso da escola como forma de fixação de determinadas opiniões e atitudes. Essas tendências convergiam para tornar a escola conservadora e convencional. Diante das mudanças que estavam ocorrendo no mundo, a

sociedade formulava novas exigências à educação no sentido de preparar a futura geração a acreditar que ela poderia e deveria para pensar por si mesma.

Assim, ao velho armazenamento da multiplicidade de matérias de estudo, isoladas umas das outras, fragmentadas, baseadas na repetição, deveria ser adicionado novos métodos e novas técnicas, novos conhecimentos e novas habilidades, visando transformar a escola num ambiente onde se deve “viver o verdadeiro viver”, e assim preparar a criança para enfrentar situações que a sociedade em mudança estava a exigir. A atitude técnica nesta perspectiva caracterizava-se por um espírito crítico em relação à atividade a ser executada, reflexão sobre ela e comparação entre seus elementos e seus resultados.

Foi no contexto dessas idéias, que surgiu o movimento da Escola Ativa ou Escola Nova, criada por John Dewey, que pensou educação como “um processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso das nossas experiências futuras” (DEWEY, 1973 p. 16).

Um dos aspectos a se destacar nessa definição é que os resultados da educação se identificam com o processo e não apenas com o produto, sendo que, a contínua reconstrução da experiência consiste na própria essência da educação, no sentido de maior capacidade em compreender, projetar, experimentar e conferir resultados. Dessa forma, não deve haver separação entre indivíduo e educação.

Do mesmo modo que os fins da vida se identificam com o processo de viver, enquanto eu vivo, eu não estou agora, preparando para viver e daqui a pouco, vivendo. Do mesmo modo eu não me estou em um momento preparando para educar-me e, em outro, obtendo o resultado dessa educação (DEWEY, 1973 p. 17).

As crianças não estão num dado momento sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo. Assim, as experiências de cada pessoa mudam de momento para momento e, a cada dia, essas mudanças são enfrentadas pelo indivíduo, enriquecidas,

reorganizadas e reconstruídas. Dewey (1973) afirma que a educação, sendo um processo da vida, não deve se desvincular da vida social e cultural da criança, pois, estes são pontos de partida do processo educativo. Portanto, vida, experiência, aprendizagem são aspectos que não se podem separar, é um processo dialético: vive-se, experimenta-se e aprende-se num ir e vir de organização e reorganização da experiência, resultando sempre em aprendizagem de novos conhecimentos.

Mais de um século se passou e essas afirmações continuam presentes na atualidade, nas polêmicas discussões sobre a escola e suas funções. Assim como nos últimos anos do século XIX, Kilpatrick (1965 p. 15) proclamava: “Nossa época está mudando. Qual a tendência dominante nessa transformação?” E ele aponta, como já disse, para a industrialização, para a democracia e para uma nova atitude diante da vida, hoje, da mesma forma, em pleno final do século XX, Hernandez (1998) também diz que o mundo está mudando e cujas características da sociedade atual são as recentes e galopantes mudanças com a globalização da economia, as novas tecnologias e a informatização da comunicação, exigindo da escola, também, mudanças no seu processo de ensinar e de aprender.

As idéias de Dewey e de seus seguidores trouxeram contribuições importantes para a educação do nosso tempo: a preocupação da relação entre educação e realidade social, a aproximação das experiências da criança com as atividades do meio em que ela vive e com os seus interesses, as idéias de interdisciplinaridade, a cooperação como um princípio permanente do trabalho pedagógico, a visão do professor como um colaborador, do conhecimento.

O MÉTODO DE PROJETOS

Para responder às necessidades da sociedade da época era necessário mudar os rumos da educação, surgindo daí propostas de novos métodos e novas técnicas de trabalho, dentre eles o Método de Projetos, o qual iremos tecer algumas considerações neste artigo.

Sobre o método de projetos, torna-se necessário esclarecer o que Dewey pensava sobre ele. Em suas análises, considerava

o método como uma forma de raciocinar de acordo com a lógica intuitiva, a qual envolve o reconhecimento de um problema, a análise de seus elementos, a elaboração de uma hipótese, a comprovação da hipótese e a continuação do processo até que seja encontrada a solução. Essa seqüência de atividades não significava regras, tampouco seguir passos rigorosamente, mas, antes de tudo, um método do experimentalismo, um processo fundamental na construção do conhecimento, verificado no que, também diz Kilpatrick (1975 p. 56) sobre o assunto. “Não se devem transmitir soluções, mas métodos, atitudes críticas a fim de criar apreciação inteligente dos próprios problemas, bem como dos fatos que interessam à solução conveniente”.

Dessa forma, a compreensão de método está significando não um conjunto de fórmulas ou regras pedagógicas, mas o modo pelo qual se deve facilitar a vida das crianças para o seu crescimento e seu máximo aprender a aprender “Nesse contexto, aprender significa adquirir um novo modo de agir de nosso organismo, ‘sendo que’ o conhecimento é um instrumento para organizar a ação... Aprende-se através da reconstrução consciente da experiência” (DEWEY, 19. p. 33), possibilitando à criança o desenvolvimento do espírito crítico e científico.

Dito isto, as primeiras experiências com o Método de Projeto foram realizadas por John Dewey na escola primária experimental da Universidade de Chicago em 1896. Dewey fez seus estudos, partindo da psicologia funcional, criada por ele. Desejava traçar uma nova “teoria da experiência, através da qual melhor definisse o papel dos impulsos da ação ou da função dos interesses. Estes, insistia Dewey,”

não podem ser assimilados a um simples artifício, pelo qual se tornem adequadas às tarefas inadequadas aos níveis de desenvolvimento dos educandos...O que há a fazer é aproveitar as energias motivadoras de início dispersas, em formas, que pouco a pouco possam integrar-se à organização das experiências da criança (apud LOURENÇO FILHO, 1978).

Assim, as idéias de Dewey embasaram o surgimento do Método de Projetos o qual foi aperfeiçoado por um dos seus

discípulos, Kilpatrick com o objetivo de relacionar as atividades da escola com a vida fora dela. Para ele, as atividades escolares deveriam ser desenvolvidas em forma de projetos, a fim de que a escola se tornasse um espaço de vida e de experiência; uma escola onde os alunos fossem ativos. Dessa forma, os projetos deveriam constituir-se na unidade do processo de aprendizagem e levar o aluno ao exercício da cidadania: respeito por si mesmo, autonomia, iniciativa, espírito crítico, liberdade de pensamento, persistência.

Nessa dimensão, o projeto era considerado como um ato problematizado e de pensamento que contribuía para o desenvolvimento do raciocínio da criança, da formulação de suas hipóteses, pondo à prova suas próprias conclusões. Era um método que implicava na globalização de conhecimento: nele, não havia disciplinas isoladas, mas um problema real de vida que deveria ser resolvido, rompendo dessa forma, com as barreiras entre as diferentes áreas do conhecimento, o que implicava, também, em ensino globalizado. Estava fundamentado numa concepção de aprendizagem centrada no sujeito. Os projetos deveriam ser propostos pelos professores e pelos alunos e deveriam partir de experiências não muito fáceis e não muito difíceis como foi explicitado por Kilpatrick (1965 p. 82)

Na medida em que o interesse ativo leve os alunos a projetos convenientes (suficientemente educativos, nem muito fáceis nem muito difíceis) nessa medida haverá probabilidade de sucesso... ainda nessa medida é que serão satisfeitas todas as condições da aprendizagem eficaz; e, em tal medida, é que haverá boa organização do trabalho escolar. Tudo isso é absolutamente oposto ao tipo de educação em que os alunos fazem apenas o que se lhes mandam que façam.

Estudando o Método de Projeto, Lourenço Filho (1978 p. 208) esclarece que embora alguns tipos de projeto sigam passos bem definidos como: “imaginar alguma coisa, projetá-la claramente, recorrendo à informação e à pesquisa, executá-la e julgá-la, isso não significa que todos os projetos devam guiar-se por passos formais ou ordem pré-estabelecida”, pois, cada projeto se diferencia em seus tipos e cada criança tem um ritmo próprio de aprendizagem. Logo, ao se criar uma

situação problemática em sala de aula, o aluno pode iniciar seu trabalho por qualquer uma das etapas, pois estará voltando sempre a elas no seu processo de desenvolvimento. E Lourenço Filho (1978 p. 208) volta a afirmar “como procedimento de ensino, não há portanto, passos formais no projeto”.

Como vimos, o Método de Projeto é um procedimento de ensino, consolidado no começo do século XX, mais precisamente na década de 1920.

Essa experiência volta, na atualidade, em outra dimensão e com outras denominações, por exemplo: Jolibert (1996) utiliza o nome Pedagogia de Projetos e o define como um conjunto de atividades inseridas num quadro de aulas cooperativas que permitem ao aluno a construção de sentido em sua aprendizagem. Já Hernandez (1998) utiliza a expressão Projeto de Trabalho e sob essa denominação realiza experiências significativas nas escolas de ensino fundamental em Barcelona. É desse ponto de vista que falaremos a seguir.

O PROJETO DE TRABALHO

As atividades educativas por meio de Projetos voltam à sala de aula, não como uma simples proposta de readaptação do passado, mas no auge das discussões do construtivismo nos anos de 1980.

Segundo Hernandez (1998), dois fatores influenciaram nas mudanças da educação escolar e explicam porque os projetos voltam a ser objeto de interesse. De uma lado, da revolução cognitiva, ou seja, da forma de entender o ensino, a aprendizagem e as mudanças nas concepções sobre o conhecimento e o saber oriundo das novas tecnologias de armazenamento, tratamento e distribuição da informação.

Na perspectiva de como se ensina e de como se aprende, outros pontos se destacam como relevantes, marcados pela visão construtivista: a aprendizagem e a construção de novo conhecimento; a importância do contexto em que se dá a aprendizagem e a participação e interação entre os alunos.

Esta visão aponta para um entendimento de Projetos como forma de aprender a pensar criticamente, o que leva a dar

significado à informação, analisá-la, planejar ações e resolver problemas, características estas também presentes no entendimento de projetos proposto por Kilpatrick.

Considerando esse breve contexto, o Projeto de Trabalho foi pensado e desenvolvido por Fernando Hernandez na escola Pompeu Fabra de Barcelona com a pretensão de que os problemas dos alunos fossem abordados a partir da situação de sala de aula. Por outro lado, pretendia, também, que o professorado se relacionasse criticamente com sua própria prática numa visão de reconstrução da experiência a partir da prática, para teorizá-la e torná-la comunicável.

O Projeto é, portanto, a re-significação do espaço escolar, tornando a sala de aula um ambiente dinâmico de interação, de relações pedagógicas e de construção do conhecimento. É mais do que uma forma de organizar o conhecimento escolar, pois, implica numa mudança de currículo e, conseqüentemente, numa mudança da própria escola; implica no desenvolvimento de um trabalho pedagógico cooperativo, compartilhado e de estudo de conteúdos para além do escolar, ou seja, numa visão de globalização relacional.

Assim sendo, os conteúdos são estudados através de questões problematizadoras, numa perspectiva globalizadora, inter-relacionando diferentes informações, a partir de um determinado eixo temático. O entendimento de globalização na educação toma o sentido de que “a criança estabeleça relações com muitos aspectos de seus conhecimentos anteriores, enquanto que, ao mesmo tempo, vai integrando novos conhecimentos significativos” (HERNANDEZ, 1998 p.50), num processo de reflexão teórica sobre o aprender.

Dessa forma, a função do projeto é possibilitar a criação de estratégias para facilitar a aprendizagem e a construção do conhecimento. Trata-se de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexo, a estrutura, o problema vinculado à informação que se quer e que permite a aprendizagem de forma interdisciplinar.

Nessa perspectiva, Hernandez (1998) aponta aspectos em que o trabalho com Projetos pode contribuir para que o aluno desenvolva capacidades relacionadas com:

- a autodireção que favorece a realização de tarefas de pesquisa;

- a formulação e resolução de problemas, de diagnóstico de situações e o desenvolvimento de estratégias que impliquem em análise e avaliação;

- a integração que leva à realização de sínteses de idéias, de experiências de busca de informações em diferentes fontes;

- a tomada de decisões sobre o que é relevante se colocar no Projeto;

- a comunicação interpessoal que permite constatar as próprias opiniões e pontos de vista com os de outrem.

Desse ponto de vista, o processo de aprendizagem deixa de ser um simples ato de memorização e o ensino uma forma apenas de repassar conhecimentos prontos e acabados. Esse é um princípio também presente nas teorias deweyanas e, conseqüentemente, nos fundamentos do método de projeto proposto por Kilpatrick.

Nessa linha de pensamento, o Projeto de Trabalho baseia-se:

- na aprendizagem significativa, ou seja, numa aprendizagem que pretende relacionar os esquemas de conhecimento aos conhecimentos que os alunos já possuem e as suas hipóteses, frente a uma nova aprendizagem;

- numa nova concepção de seqüência de conteúdos estudados, com mais profundidade, dentro de uma lógica seqüencial, considerando os conhecimentos prévios dos alunos e suas experiências de vida;

- na funcionalidade dos conteúdos que devem ser aprendidos

- na avaliação do processo de aprendizagem durante todo o desenvolvimento do Projeto, analisando a seqüência das atividades, questionando o que já foi aprendido, o que falta aprender, as tarefas realizadas.

Cada Projeto pode gerar novos projetos porque geram novas necessidades de aprendizagem. Isto se deve ao fato do projeto permitir ao aluno planejar suas ações, assumir e partilhar responsabilidades, ser sujeito de suas próprias aprendizagens e produzir conhecimentos que tenham sentido e significado.

Nesse processo, a intervenção do professor tem um papel de suma importância, no sentido de criar estratégias para que

a aprendizagem se realize de forma significativa. Ele (o professor) deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos para se tornar um mediador da interação entre o sujeito que aprende (o aluno) e o objeto de conhecimento (o conteúdo).

No Projeto de Trabalho, o conhecimento é visto como um processo global, construído numa relação entre os aspectos cognitivos, emocionais, sociais, através do qual o aluno aprende a fazer fazendo: participando, discutindo, estabelecendo relações, confrontando, vivenciando suas emoções e suas experiências de vida, tomando decisões diante dos fatos, para intervir na realidade. Dessa maneira, o Projeto proporciona ao aluno tornar-se sujeito do seu próprio processo de aprendizagem, conquistando a sua própria autonomia intelectual no contexto de suas relações sócio-culturais.

Se voltarmos às reflexões anteriores, pode-se admitir que o Método de Projeto também possuía características evidenciadas no Projeto de Trabalho, tais como: autonomia, aprendizagem significativa, conhecimentos anteriores, globalização dos conhecimentos, entre outras.

O PLANEJAMENTO DO PROJETO DE TRABALHO: PONTOS A CONSIDERAR

Os projetos de trabalho constituem um planejamento de ensino e de aprendizagem na perspectiva de solução de problemas reais, possibilitando estudar um tema, através de um “enfoque relacional”. Para tanto deve-se levar em consideração as seguintes estratégias:

1. Escolha do tema. A escolha do tema é o ponto de partida para a elaboração de um projeto de trabalho. Pode ser definido pelo professor, considerando os objetivos das próprias áreas de conhecimento, como pelos alunos, a partir dos seus conflitos cognitivos ou de situações reais de vida ou ainda decorrentes de outros projetos de trabalho.

2. Previsão de objetivos e de conteúdos em termos de conceitos, princípios, fatos, valores, atitudes e procedimentos.

3. Planejamento de atividades de lançamento do projeto.

O professor apresenta o projeto através de atividades problematizadoras ou desencadeadoras de diagnósticos. Através dessas atividades, os alunos expressam suas idéias e seus conhecimentos sobre o tema a ser estudado. No instante seguinte, o professor propõe aos alunos a elaboração (individual ou coletiva) de um primeiro índice de questões do que precisam aprender sobre o assunto. Esta é a fase do levantamento de conhecimentos em que o professor percebe o que os alunos já sabem sobre o tema, as suas hipóteses e o que precisam saber do problema a ser estudado ou investigado.

4. Interpretação do conteúdo implícito nos índices que os alunos elaboraram – o que realmente desejam saber. Com esses dados, o professor elabora um segundo índice que apresenta e discute em sala de aula. O índice se configura como um roteiro inicial, importante para a organização do trabalho.

5. Desenvolvimento do projeto. É neste momento que o professor e alunos levantam estratégias de trabalho, na busca de respostas para as questões e hipóteses levantadas anteriormente. Essas estratégias devem ser desafiadoras a ponto de levar os alunos a novos conflitos cognitivos, ao desequilíbrio de suas hipóteses iniciais, a confrontarem seus pontos de vista com os de outras pessoas e com o conhecimento científico, a fim de construir novas aprendizagens. É importante que o professor volte sempre às questões levantadas para que os alunos tomem consciência do que já aprenderam, das suas dificuldades, reconstruam seu processo e transfiram seus conhecimentos a outras estratégias, criando, assim, novos problemas de investigação e, conseqüentemente, novos projetos de trabalho.

6. Fechamento. É o momento do planejamento em que os alunos vão definir como o projeto será concluído; de que forma o resultado do trabalho será apresentado e divulgado. Nesta fase, os alunos demonstram o que aprenderam sobre o tema, estabelecendo relações entre o que sabia antes e os novos conhecimentos adquiridos. É a aprendizagem chamada por Cezar Coll (1996) de aprendizagem significativa.

Esse trabalho é construído ao longo do processo, numa dinâmica de ir e vir em que o aluno está sempre revendo seu

estudo, concluindo suas investigações, respondendo aos problemas levantados e comprovando ou refutando as suas hipóteses. O professor deve ter clareza de que no desenvolvimento do projeto, um momento é estruturante para o seguinte. Isto quer dizer que o momento anterior deve fornecer aos alunos conhecimentos necessários para que possam prosseguir com o estudo no momento imediato.

Mais uma vez encontram-se algumas evidências semelhantes na forma como os Projetos são estruturados, bem como, o levantamento do tema e da problematização, o planejamento de atividades e busca de formas para responder ao problema. Embora ambas as experiências sigam determinadas etapas, estas não se constituem passos, regras fixas no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

ENTRE NOVAS E VELHAS IDÉIAS

Comparando-se Projetos de Trabalho e Método de Projetos, o estudo que ora realizamos leva-nos a considerar a existência de aproximação entre essas duas experiências. Ambas visam re-significar o espaço escolar, tornando-o mais dinâmico e consideram o aluno como sujeito, ser inteligente e capaz de construir o seu próprio conhecimento, ao tempo em que, ambas as propostas partem de conhecimentos que as crianças já possuem. Contudo, o contexto histórico, cultural e social em que Kilpatrick desenvolveu seus projetos no começo do século XX, não é o mesmo dos tempos atuais. A realidade existente nesses distintos contextos responde a problemas diferentes em cada momento histórico.

Os problemas para os quais a realidade de hoje, caracterizada pela globalização da economia, busca dar respostas, não coincidem com os que enfrentavam Dewey e Kilpatrick nos tempos da Escola Nova - começo do século XX - porque as questões sociais, culturais e históricas produzem formas de representação da realidade e respostas a problemas diferentes em determinados momentos históricos. Por exemplo, muitas áreas de conhecimentos disciplinares ainda estavam em fase de definição.

Contudo, deve-se atentar que, no momento atual, as contribuições da psicologia genética tornaram possíveis fundamentar algumas

propostas da Escola Nova no sentido de contribuir para avançar na elaboração de um novo enfoque pedagógico no qual a ação do sujeito da aprendizagem adquire uma nova dimensão, porque se trata de um outro momento histórico. Além disso, algumas idéias e práticas do que hoje se entende como projeto, já haviam sido colocadas em relevo por representantes desse importante movimento – Escola Nova, tornando-se necessário assinalar.

Em 1896, Dewey já havia criado uma escola experimental onde o trabalho pedagógico se baseava na atividade das crianças. Assinala que a aprendizagem não é o resultado de uma simples transmissão de conhecimentos, mas implica uma verdadeira atividade de conhecimento. Tomando como referência Lerner (1995 p. 82) cita uma passagem em que Dewey diz:

[...] Nenhum pensamento ou idéia pode ser comunicado como idéia de uma pessoa a outra. A comunicação pode estimular outra pessoa a compreender a questão por si mesma ou pode extinguir seu interesse intelectual e suprimir seu esforço incipiente para pensar.... Só lutando com as condições do problema em primeira mão, buscando e encontrando seu próprio caminho, consegue pensar... Se a pessoa não pode averiguar sua própria solução (desde logo não separadamente com o professor e com os demais alunos) nem encontrar seu próprio caminho, não aprenderá, mesmo quando possa dar uma resposta correta com cem por cento de exatidão.

Um outro aspecto a destacar no pensamento de Dewey, também presente, nos atuais projetos de trabalho é a necessidade de desenvolver as atividades escolares, aproximando-as às que propõe o meio social e cultural da criança. Neste sentido ele afirma:

Para compreender o que significa uma experiência ou situação empírica, temos que recordar o tipo de situação que se apresenta fora da escola, o tipo de ocupações que interessam e suscitam atividade

na vida comum... E uma revisão cuidadosa dos métodos que têm êxito permanente na educação formal... revelará que dependem do fato de voltarem-se ao tipo de sustentação que produza reflexão na vida comum, fora da escola, para sua eficácia. Isso dá aos alunos algo para fazer, não algo para aprender, e o fazer é de tal natureza que exige pensamento ou a observação intencional de conexões: o aprender se produz naturalmente (apud LERNER, p 83).

Uma outra evidência refere-se à organização dos conteúdos e atividades escolares, bem como o planejamento e execução de projetos que caracterizam as propostas educativas da atualidade, cujas raízes se aprofundam, também, na obra de alguns representantes da Escola Nova. Além de romper com o isolamento existente entre as diferentes matérias de estudo, o método de Projetos aplicado por Kilpatrick (1969) enfatiza a necessidade de que a criança conheça, participe e compartilhe das atividades propostas no espaço escolar. Assim, o professor é considerado pelos escolanovistas como um colaborador na construção do conhecimento, o que significa dizer, um aprendiz.

Hernandez (1998) revela que os projetos podem ser considerados como uma prática educativa reconhecida desde 1919 quando Kilpatrick levou à sala de aula as idéias de Dewey, principalmente, quando ele diz que o pensamento tem sua origem numa situação problemática e se deve resolvê-la mediante uma série de atos voluntários. O ato de solucionar problemas é o fio condutor, um ponto de aproximação entre ambas as concepções sobre projetos.

A partir do que dissemos, pode-se considerar que muitos dos princípios delineados pela Escola Nova estão presentes no atual Projeto de Trabalho, contudo, guardando entre si, as diferenças de concepções psicopedagógicas, diferenças de conhecimento escolar e função social da escola, vista naquela época como uma sociedade em miniatura, bem como do desenvolvimento tecnológico que permite o uso de diferentes fontes de informações na sociedade atual, o que implica dizer que estamos em um outro momento histórico, vivenciando novas formas de “aprender a aprender” dentro da concepção construtivista que dá suporte aos projetos de trabalho.

Assim, concordando com Lerner (1995), o Projeto de Trabalho se constitui passos à frente no caminho da construção do conhecimento pedagógico, contudo a fundamentação que atualmente o sustenta é muito mais sólida que a existente quando o Método de Projeto foi formulado.

O que vimos, permite-nos dizer que o desenvolvimento de uma ação educativa ou pedagógica realizada em qualquer nível de ensino, sob a forma de projetos aponta para uma outra dimensão no que se refere à representação do conhecimento na escola.

Rompe com práticas pedagógicas que repassam conteúdos de forma mecânica sem vinculação conceitual definida, tendo como base apenas o livro-texto. Tanto o método de projeto como os projetos de trabalho, cada um em seu contexto, possibilitou e possibilitam o (a) professor (a) a ter um olhar diferente sobre o aluno, a refletir sua prática, no cotidiano da sala de aula e sobre as formas de avaliar o seu próprio trabalho.

Contudo, no momento atual, alguns cuidados devem ser tomados no desenvolvimento de projetos, tais como: não reduzi-los a fórmulas didáticas baseadas numa série de passos ou regras para não correr o risco de se tornarem mais um modismo receituário entre tantos outros que já existem por aí. Os pontos levantados para o planejamento de projetos não são rígidos porque o importante é ajudar o aluno a problematizar e nortear a busca de respostas para os seus problemas. Não é necessário que tudo que se aprende na escola seja organizado através de projetos, mas ensinado com um projeto de trabalho.

METHOD OF PROJECT X PROJECT OF WORK: BETWEEN NEW AND OLD IDEAS

ABSTRACT — *In the text entitled “Method of Project x Project of Work: between new and old ideas”, we search for rescuing significant aspects of two important pedagogic proposals in different historical contexts: the “Method of Projects” developed by W. H. Kilpatrick in the beginning of the 20th century, in United States, based upon John Dewey’s ideas and the “Project of Work”, a teaching and learning model that has come up nowadays, developed by Fernando Hernandez in Spain, under the constructivism*

approach. So our purpose is to verify what there is in common between the two works, starting from reflections on some concepts and characteristics that involve those two pedagogical practices, considering the context they were applied. It is a bibliographical study whose conclusions point out evidences between both proposals for example: the definition of Project as an educational practice in which the thought has its origin in a problematic situation of education seen as a reconstruction of experience: the child as the subject in the construction of knowledge and the contents organized in the form of interdisciplinary school activities.

KEY WORDS: *Method of project. Project of work. Between new and old ideas*

REFERÊNCIAS

- DEWEY, Jonh. **Escola e democracia**. São Paulo: Vozes. 1973
- _____. **Vida e educação**. São Paulo. Edições Melhoramentos. 19—
- EBY, Frederick. **História da educação moderna**. Rio de Janeiro. Globo. 1962
- HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998
- _____. **Transgressão e mudança na educação**. Porto Alegre. ARTMED, 1998
- Jolibert, Josete. **Formando crianças leitoras e produtoras de textos**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.
- LERNER, Delia. O que há de novo e o que há de velho no “novo enfoque? In. **A aprendizagem da língua escrita na escola**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996
- LOURENÇO FILHO. **Introdução ao estudo da escola nova**. São Paulo. Melhoramentos, 1978.
- KILPATRICK, William Heardh. **Educação para uma civilização em mudança**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.